erri de luca

TRÊS CAVALOS

Tradução de
Renata Lúcia Bottini
Apresentação de
Silvia La Regina

berlendis & vertecchia editores

O escritor operário

Silvia La Regina

Plutarco escreveu "minha intenção não é a de contar estórias, mas vidas"; analogamente, Erri De Luca, numa entrevista recente, disse não saber se seus textos "são contos, romances ou novelas: não sei ainda dizer exatamente de que se trata [...]. São histórias". Histórias que são vidas vividas. Suas narrações são essencialmente de fatos, e ele conta "só histórias que me aconteceram, ou que se desenvolveram perto de mim [...], simplesmente, de forma súbita, eu lembro".

"Eu lembro": a lembrança, a memória são o motor da prosa e, em geral, da escrita de Erri De Luca, que em suas páginas essenciais reconstrói acontecimentos que se deram com ele ou com pessoas conhecidas, reinventa vidas e sentimentos sempre na perspectiva de um "eu" homodiegético, alegoria do "eu" que, seja adulto, criança ou velho, é sempre Erri De Luca; fala sempre com a sua voz pausada e grave, num movimento contínuo de recuperação de um passado que, através da escrita, é feito presente.

Erri De Luca é um homem singular na vida e na atividade literária, que, vindo de uma família de classe média, aderiu *toto corde* aos ideais de 1968, participou das lutas políticas daqueles anos e dos sucessivos, inclusive como dirigente do grupo de esquerda extraparlamentar Lotta Continua, juntamente com Adriano Sofri (preso várias vezes sob a

acusação de ter organizado o assassinato do delegado de polícia Calabresi) e resolveu, num ato de coerência extremada, largar os estudos e não só apoiar a luta operária, mas ser operário; foi caminhoneiro, trabalhou na FIAT e, durante muitos anos, foi pedreiro. Estas experiências o marcaram profundamente, inclusive em sua relação com o próprio ato de escrever: a militância política e a ferida aberta em sua geração e no país (através da violência de ambos os lados e da sucessiva prisão de muitos antigos militantes – "fomos a geração mais encarcerada por razões políticas da história da Itália, muito mais do que no *ventennio* fascista") reflete-se, por exemplo, na coletânea de contos *Il contrario di uno*, de 2004, sucesso na França na tradução publicada pela editora Gallimard. O trabalho manual permeia quase que obsessivamente sua obra, *Leitmotiv* narrativo em textos nos quais parece reafirmar-se sempre a diferença dada pelo contato direto com as coisas e os sentidos, liturgia laica da comunhão com o mundo físico e material que só assim revela seus mistérios e profere suas vozes; trabalho manual, porém, antagônico ao de escrever, que, aliás, para De Luca não é trabalho, e sim "o tempo melhor, o tempo tirado ao trabalho", porque escrever "ajuda a viver".

Erri De Luca lançou seu primeiro romance, *Non ora, non qui*, em 1989, e desde então tem publicado com freqüência romances, contos, coletâneas de artigos, traduções, quase que unicamente pela editora Feltrinelli, o que é mais uma demonstração de sua coerência pessoal e política, se considerarmos que a editora fundada por Giangiacomo Feltrinelli é hoje a única na Itália, entre as grandes, explicitamente esquerdista. Entre as obras mais relevantes de Erri De Luca lembramos *Aceto, arcobaleno* (1993), *Tu, mio* (1998), *Montedidio* (2000), *Opera sull'acqua e altre poesie* (2002), *Nocciolo d'oliva* (2002), o citado *Il contrario di uno* (2004) e o recentíssimo

texto teatral *Chisciotte e gli invincibili*, encenado pela primeira vez em 15 de março de 2006 em Roma.

A prosa do escritor é poética, essencial, de palavras escassas e luminosas, certeiras nas frases curtas e avessas a qualquer exagero, a qualquer termo desnecessário. Tão essencial que omite com freqüência não só adjetivos, mas também artigos e pronomes, dando ao texto e à linguagem um sabor não antigo ou antiquado, mas arcaico e profético. Não por acaso, Erri De Luca, apesar de não ser religioso, aprendeu hebraico e traduziu para o italiano vários livros da Bíblia (estes também publicados por Feltrinelli), entre os quais o Eclesiastes. O escritor declara ter optado nestas traduções por um italiano "feio", não estético, "pisoteado" pelo hebraico assim como o monoteísmo judaico pisoteou e esmagou a "magnífica anarquia" do politeísmo mediterrâneo com sua "poderosíssima e catastrófica revelação".

Nas histórias de Erri De Luca não há espaço para o futuro: os personagens recriam o passado, tornam-no presente vivo, mas não têm perspectivas, não têm um futuro, talvez não o queiram. Como não o quer De Luca, que não ama "nem a esperança (*speranza*), nem a espera (*attesa*)" – relação bem mais clara em português do que em italiano –, ambas ligadas a uma idéia de futuro feita de inação, e não de movimento. Já todo personagem/*alter ego* de Erri De Luca vive em constante movimento, como se não conseguisse parar, ainda que num movimento sem pressa, de meditada lentidão. Movimento que por vezes leva a uma fuga solitária – vários romances e contos do escritor terminam assim –, da qual não sabemos o destino, porque não interessa, nem à personagem, nem ao leitor, nem ao autor. A falta de rumo dos personagens, aliás, parece uma herança do espírito de 68, aquele que, nas palavras de Erri De Luca, "não queria ganhar, mas somente prolongar a idade da revolta".

A prosa de De Luca, dura e áspera como um rosto masculino não barbeado, o rosto de um de seus eus (e ele próprio

escreveu que "cada um de nós é um si mesmo cheio de pessoas [...], quem escreve narrativa mantém intimidade com sua consistência numerosa"), concisa e feita de "complexa simplicidade", como escreveu Michele Trecca, e, em seus melhores êxitos, em delicado e difícil equilíbrio entre ética e estética, foge das abstrações e das complicações estilísticas, mas abusa das metáforas, iluminações, epifanias repentinas e inesperadas.

Três cavalos (1999) deriva seu título de uma estrofe popular da Emilia-Romagna:

Três anos [vive] um arbusto,
três arbustos um cachorro,
três cachorros um cavalo,
três cavalos um homem.

A ela se sobrepõe a fala de um personagem argentino: "Uma vida de homem dura quanto a de três cavalos e você já enterrou o primeiro".

O protagonista/eu de *Três cavalos* é um jardineiro sem nome, de cinqüenta anos – aqui, portanto, da mesma idade de Erri De Luca –, que gosta de ler livros usados, porque o livro deve circular livremente pelo mundo, passando de mão em mão e de vida em vida (curiosa antecipação daquele movimento de livre troca de livros nascido na internet) e que sai de sua silenciosa solidão para ligar sua existência à de Leila, uma mulher que conhece na *trattoria* onde almoça, e Selim, um imigrante africano, com os quais, de formas diferentes, estabelece laços fortes e quase que atávicos, ao passo em que conta para Leila, com calma frieza, os dramáticos acontecimentos de sua experiência na Argentina. Não importa aqui antecipar o enredo do livro, enredo econômico e duro, e sim observar como ao longo de toda a narração se entrelaçam presente e passado do narrador – o presente com Leila e Selim e o passado na Argentina –, o primeiro contado de forma linear e cronológica, o segundo num movimento de vaivém, idas e

voltas mais sentimentais do que lógicas, e tudo sempre usando o tempo verbal do presente, a compor um fluxo narrativo ininterrupto. Fluxo contínuo praticamente sem diálogos – estes também são contados pelo narrador, um pouco *à la* Saramago – em descrições precisas e não usuais, nas quais as palavras comuns parecem adquirir novos e mais essenciais significados. Há uma atenção quase obsessiva, em sua riqueza de detalhes, aos dados sensoriais, principalmente gosto e olfato, e os sabores e cheiros de coisas e pessoas parecem permanecer, em sua densa corporeidade, nos sentidos do leitor: "Na minha esquerda sua mão é pão fresco, aproximo-a do nariz", "A casa [...] se cala ao perfume do café", "[...] sinto sal na boca".

Nas personagens de Dvora, Selim, o garoto do navio, entre outras, vemos a celebração da dor e da dignidade dos oprimidos, a revolta contra a injustiça, mas num grito solitário, sem esperança, mais uma vez sem futuro. A solidariedade com o próximo – no sentido de alguém perto de nós – é fundamental, mas não constrói, se esvai na dor e na solidão.

De Luca ainda participa, de certa forma, do húmus de 68, que levava a lutar *contra* o poder, contra qualquer poder e qualquer detentor do poder – do bedel ao diretor, do funcionário de partido ao chefe da fábrica – e não *pelo* poder, percebido como castrador em todas suas formas, perseguindo a democratização das relações sociais, trabalhistas, humanas e sexuais, e finalmente a liberdade em sua acepção mais ampla. Nestes tempos politicamente tão sombrios, em que direita e esquerda parecem ter se tornado apenas formas complementares e assimiláveis de alcançar o poder em sua vertente mais pessoal e desprovida de conotação ideológica, Erri De Luca, com sua coerência ética, sua obstinada defesa de uma sociedade mais justa, humana, realmente democrática nos seus valores e em seus relacionamentos, representa um homem e um autor capaz de constituir um modelo pessoal e literário.